



JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Rogações de Eremita



CASA EDITORA

DE

A. FIGUEIRINHAS

PORTO

✓ 77906
HOMENAGEM DO EDITOR

Rogações de Eremita

bibRIA

— Composição e impressão —
Empresa Gráfica «A UNIVERSAL»
de Figueirinhas & Motta Ribeiro, Lda.
— Rua Duque de Loulé, 111—Pôrto.—

bibRIA

Jaime de Magalhães Lima



Rogações de Eremita bibRIA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

CASA EDITORA de A. FIGUEIRINHAS

Depósito geral:

Livraria Portuense de Lopes & C.^a—Suc.

119, Rua do Almada, 123 — Porto.



91235

bibRIA



No ermo que eu percorro neste mundo,—ermo de corações cativos dos meus sonhos—ao suplicar dos céus a claridade na qual a alma habite e se engrandeça, deixei na terra gotas do meu sangue, onde a dôr o soltou do peito ansiado por abundancia de erros e de culpas e por amargura de infinitas mágoas, e onde jorrou seus cantos de alegria em louvor e contemplação da beleza eterna.

E, como assim vulneravel tenha sido, misteriosa comunhão uniu-me áqueles, solitarios e crentes, que na cruz da aspiração tambem sofreram. Muitas vezes me guiou o rasto estranho, se porventura o vi ensanguentado de sangue igual ao meu pela paixão que o derramou em oferenda a altares de amor.

São rogações de todos esses passos as que neste livro traduzi e confesso para quem no mesmo error se houver perdido ou se tivér remido em iguais enlevos.

bibRIA

ROSAS DO MEU CAMINHO

I

DAREI no meu caminho a colher rosas. No doce esplendor da sua gloria, brotavam purpurinas entre o comoro renovado no viço pelo outono. E o sol brando que vinha do nascente, e a palidez do céu já esmorecido do seu fulgor candente do estio, e a atmosfera quieta e orvalhada, e o silencio do campo onde desponta o prado que no inverno o cobre e é a sua tunica,—cantavam com as rosas a doçura e em minha alma infundiam subtilmente os salutarens enlevos dos seus sonhos.

Acordou-me de encantos a pobreza. Alguem, passando, me estendeu a mão, mirrada e palida de fadiga e fome. Ouvi um brando murmurar de supplica; e o coração turvado de piedade transmudou em misericordia o seu deleite. Um resplendor mais alto escurecêra a scintilação da terra em seu fulgor.

Levei comigo as rosas que colhi, para me alentarem de um sorrir ingenuo meu peito ferido na

jornada agreste em que dolorosamente se consome sangrando magoado de perversidade, de odios, de mentira, de quanto avilta os homens desvairando-os nos seus crueis infernos de cobiças. Mas sempre que senti a rosa bafejar-me, senti perpassar também vozes mendigas. Por singular magia, confundi em uma só aspiração e um só amor as rosas e a pobreza.

II

Senhor! No meu caminho entretecei as rosas na pobreza, para que, adorando em extasi vosso encanto, eu adore também as vossas dôres e o meu peito comungue da miséria! Que todo o meu coração se enleie e prenda nas grinaldas, Senhor, com que coroaís de espinhos e de rosas vossos servos; e que, enquanto sentir deleite infindo na doçura que sobre a terra semeiastes, eu vos seja fiel inteiramente sentindo ao mesmo tempo e em igual fervor toda a infinita agrura da desgraça.



AS TAÇAS DO BANQUETE

I

No banquete da vida em que o destino me deu
logar onde os prazeres abundam e os regalos
são o pão quotidiano, provei das suas taças mais
queridas e vi meus companheiros de igual sorte
ora erguidos na sua embriaguez ora prostrados
pelos seus traveses.

Riquezas, ambições, paixões, gloria, amor, as
taças mais cobiçadas do banquete, a todas eu senti
o seu sabor, todas vi disputadas com ardor e todas
continham gotas de amargura, os traiçoeiros bens
das alegrias cedo mudadas em desengano e dôr.

Vi a riqueza inutil perante a morte, assistindo
impotente à corrupção do corpo que no seu ser
trazia os filtros de fatal caducidade inexoravel. Vi
ambições gerando em seus triunfos ambições maio-
res ainda, insaciaveis, de continuo torturando suas
vitimas, de degrau em degrau as elevando até que
do mais alto as precipitam no torvo abismo das

desilusões. Vi as paixões mirrando-se exauridas, em vergonha, em remorso e inanidade, o orgulho aviltado nas fraquezas; vi a gloria a desfazer-se em fumo e apedrejando hoje por infames os que hontem beijára por herois e em seus altares posera como deuses. Vi transmudar-se amor numa mentira, a sua fé perjura na traição; vi a ternura magoada em lagrimas. E até a propria humildade, desprendida dos enganos do mundo, a mais pura das taças que anjos bons dos céus trazem à terra para remir quantos na terra penam suas penas, até a propria humildade eu vi chorar porque, salvando os bem-aventurados em cujo coração habita e resplandece, não lhes pôde poupar a compaixão de quantos desfalecem no martirio, pois, desventurados, não partilham das bênçãos da alegria no Senhor, naquella conformidade austera e santa que é a nossa redenção suprema e unica.

II

Senhor! Sê piedoso! Socorram-me os teus anjos. Reanimem-me em calices de vida; humedecem-me os labios na tua paz; iluminem-me o mundo na tua luz.

Afasta dos meus passos esse espectro que me enegrece de terrores as noites, essa sombra de ge-

lidas vigílias que me murmura o desespero e a
duvida, e, rindo dos meus sonhos piedosos, repete
escarnecendo cruelmente:

Doçura! louco, só na morte a encontras!

bib**RIA**

bibRIA

À DOR E À VIDA

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal meu coração.

ANTERO DE QUENTAL.

I

TURVOU-SE de amargura a alma do poeta quando, sentindo o vento do outono anunciar tormenta e escuridão, viu as aves felizes, cautelosas, abandonarem campos e florestas e partirem velozes à procura de terras sorridentes, animadas pelos carinhos tepidos do sol.

Já não tardava a cerração das neves, mortalha e sepultura dessas vidas que ao poeta exaltavam o espirito e o corpo, pelo rumor, verduras e perfume, pela graça, pela força e pela opulencia, pelo florir de impulsos da sua seiva.

Vai a esconder-se tudo o que o inspira. A esperança do peregrino desfalece à mingua do sustento e do conforto sorvido a jorros no calor do estio, incensado de aromas e reflectindo os delírios da côr pulverizada. Onde irá saciar a sede ardente de intenso resplendor que lhe alimente as cobiças

profundas do seu ser? Porque foi acorrentado à imobilidade, porque não foge, como a ave foge, àquilo que o oprime e o ameaça? Porque não lhe foi dada a aza vibrante que percorresse espaços infinitos, de céu em céu, sem nunca se afastar dum translucido purissimo azul? Que culpa lhe forjou essas cadeias que sujeitaram o misero forçado a rastejar exposto à contingencia das estações altivas, sem piedade, queimando sob o sol canicular, sufocando nos gelos a expansão, inflexíveis, mudas, ignorando o desejo dos homens e as suas mágoas, para prosseguirem no combate austero da suprema beleza que sonharam? Porque, liberta, a ave se eximiu a padecer igual escravidão?!...

Sucumbido, scismando tristemente, ao escutar o sibilante agoiro da tormenta, vendo o bando das aves em demanda de benignas terras generosas que aos seus amores lhes dessem agasalho e em doçura fecunda fossem patria aos ninhos embalados pelo canto de pequeninos peitos ansiados, o poeta chorou a sorte negra que o entregava às penas do inverno.

II

E dentre brumas frias, apressando precocemente a noite de novembro, veio beija-lo candida

e singela, na palidez eterea que é o seu manto, a Dôr, a companheira do poeta.

E disse:

— «Nunca ninguém te amou como eu te amei! Nunca ninguém te deu ao coração inquieto mais alto arrojo e mais sagrado extasi. Só por mim alcançaste renascer naquele renascimento do Apostolo em que o sangue se isenta de veneno e se converte em filtro do amor. Quantas rosas colheste no caminho, quanto perfume te turvou os sentidos, visões do paraíso, toda a atracção, toda a harmonia, todo o laço, felicidade, risos e ternuras, tudo para ti foi breve e se afogou nos abismos mortais donde surgira, abandonando-te errante, ao desamparo, no louco vaguejar do coração. Só por mim fez sacrário no teu seio, numa aurora perene, sem poente, esse facho de ardor que te consome e é a suprema gloria, a eternidade.

«E sabes, meu irmão e meu amigo, que o silencio é o levita nosso eleito cuja benção nos liga e arrebatá; e os altares em que oramos são sombrios, duma sombra celeste, bemfazeja, tal qual, no inverno, essa outra sombra que por erro temeste e será sempre confissionario e templo da minha alma.

«Nunca ninguém te amou como eu te amei!... Deixa que a ave siga no seu rumo, em busca de ilusões da vida efemera. Une-te a mim e, desprendido então de quanto foge e passa na incerteza,

redimido em meu peito has-de subir à divina presença do Senhor! »

Libertado, o poeta ergueu-se ouvindo a Dôr.

Por sua vez beijou a mensageira.

—« Bemdita sejas! » disse.

E nesse instante passou na treva estranho clarão.

III

Segue a sua jornada paciente o poeta cuja fronte a Dôr beijou. A macerada face da visão já-mais se apaga nos seus doces olhos, humildemente isentos de desanimo, suavemente escravos dum poder que sem cessar o fortalece e ampara nas provações mais asperas do mundo.

Onde uma aspiração palpita e cresce, palpita e cresce a dôr que a atormenta e nega, ou seja um germen que gelou na terra, ingrata e fria, surda ao seu anseio ou seja um coração crucificado do seu amor traído e profanado.

Sentiu o poeta a Dôr nas rosas que decaêm; sentiu sofrer os astros que desmaiam no frio alvor de brancas madrugadas. Na haste quebrada entre iras das rajadas, na inquietação das aguas despe-
nhando-se, nos alcantís rasgados pelas neves, na creança a que o soluço corta o riso, no peito ferido por paixões humanas, onde quer que o des-

tino cegamente castigue, mortifique e desengane, onde quer que proíba ou estrangule um arrojo, um impulso, uma vontade, ou desfaça os rochedos na mudez dos seus combates loucos da montanha, ou escarneça a suplica do misero, redobrando de ardor em atormenta-lo — a Dôr foi companheira do poeta, no seu seio chorou divinas lagrimas, em seus braços buscou acolhimento.

Foi assim que o poeta amou a Dôr. Foi assim que, curvado, ela o levou a ungir de piedade as agonias de todo o ser que os olhos contemplassem caído em desventura ou malfadado. Fielmente a adorou no seu misterio! Fielmente a serviu nos seus mandados!

IV

Exangue do pungir da Dôr que nunca o abandona, ou na solidão dos montes o encontre ou, perdido, vagueie entre o tumulto das multidões humanas desvairadas, o poeta parou no seu caminho e contemplando a serra e o prado que a seus pés se alargavam repousados em sereno esplendor, deixou cerrar seus olhos deslumbrados e adormeceu, dormindo o torpor magoado dos vencidos.

Cantava o sol o «cantico» do Santo, o ressurgir de toda a criação resgatada para a terra e para os

céus em um só Deus. Cantava os seus louvores ao «altíssimo, onnipotente, bom Senhor», a quem «toda a honra e benção são devidas». Por todas as criaturas o louvava! Por sua propria luz que o iluminava; pela «irmã lua» que no firmamento tão «preciosa e bela» se formara; pelo «irmão vento e pelo ar e pela nuvem e todo o tempo» no qual as criaturas teem sustento; pela «irmã agua» que é «humilde e casta», e tambem pelo «irmão fogo» corajoso, e por nossa mãe a terra e por seus frutos, e pela «irmã morte» que à sua paz nos arrebatava.

Desusada caricia o seduziu; ignorada ternura o fascinou! Gloriosa visão despertou o poeta e, beijando-o, o exalta naquela divina luz que em torno ela espargia.

E disse-lhe a visão:

«Desterrado da ventura que com o sangue marcaste o teu caminho e em cada passo feriste o teu coração! Onde um espinho te rasgar a carne, o perfume das rosas a embalsama. Onde o vento derruba a floresta, exultaram renovos na verdura. Onde o odio, a mentira e o desespero te entenebrece de terror e duvida, a bondade e a fé virão salvar-te em sua luz bemdita. Onde cai uma lagrima, a mão de Deus a enxuga. Ergue os teus olhos! Beija a minha fronte! Aviventa teu ser mortificado na salutar candura que me alenta!

E dos labios vermelhos transfundindo a alegria

e a vida e a exaltação em lábios palidos de sofrer e máguas, enlevado seu peito em caridade e possuido de doçura infinda, a visão bemfazeja do poeta restituiu à terra e seus paraísos, à luz do sol e a quanto ele ilumina, aquele que à Dôr votara todo o ser e só a Dôr servia sequestrado desse supremo amor que na bondade se libertou de toda a contingencia.

V

Tal qual o poeta que a Dôr e a Vida, vossos mensageiros, encaminharam, Senhor, à vossa presença, mandai-me, a mim também, os vossos sonhos, visitem-me as visões do vosso reino, para que me guardem e guiem e me conduzam, para na Vida me exaltar convosco e para na Dôr sofrer as vossas penas, «na mão de Deus, na sua mão direita, descansando afinal meu coração!»



bibRIA

MAIS FORTE QUE O MAR

I

SONHEI que o peregrino ao apartar-se dos logares em que amara e fôra amado no benigno lar onde abrigara o corpo enfermo e o coração sequioso de carinho, afectos e de graças, passou ondas do mar escuro e turvo, e ao passá-las deixou nas vagas fundas um sulco tenue, vermelho, coruscante entre o negrume da cerração ambiente.

Longos anos, por seculos infindos, na esteira do peregrino o mar cavou suas iradas vagas espumantes de espumas alvas, claras, diamantinas; e iluminaram-nas palidos luares; e a tempestade atroz escureceu-as; e pairaram sobre elas sorridentes as primaveras brandas incitando toda a terra a renascer em alegria.

Em vão, em vão! Bafejo algum dos astros, ou propicio trouxesse a exaltação da vida triunfante, ou inclemente derramasse a dôr, jámais pôde apagar esse sulco vermelho sobre o mar que ali dei-

xára o peregrino ferido. Mais forte que as ondas, a saudade traçou nas aguas lugubre derrota. Em vão os poderes da terra as agitaram provocando-lhes a furia temerosa! Em vão as repousaram em cristalina calma suavissima! Em vão ali passaram combatendo seus raivosos combates os titans! Em vão tentaram afundar na voragem aquele sangue que do coração brotara por saudade!

Em seculos infindos, para sempre, esse rasto de angustia ali ficou.

II

Senhor! Se misericordia vos merece a fé de quem no amor espera a salvação e lhe confia a vida miseranda, erguendo-a dos seus erros para a remir na consagração ao ser que é a vossa propria essencia, a essa eterea bondade omnipotente que a Deus vos une e nele vos confunde, concedei-me, Senhor, aquela benção que ao peregrino ferido concedeste, permitindo-lhe a graça de traçar nas ondas com o seu sangue a dôr pungente, esvaindo-se em purissima saudade. Onde quer que o destino o dilacere, onde quer que, infeliz ou louco, se atormente, que o meu coração desmaie por saudade, que por saudade verta todo o sangue, que em saudade amortalie os seus anseios!...

Mais pura exaltação não conheceu! Mais proximo de ti jámais se sente!

HUMILHAÇÃO

I

Ví sair da prisão o criminoso e encaminhar-se ao lobrego covil onde deixara a companheira e os filhos a estorcer-se de fome nos andrajos. Macilento, esqualido, tremulo nos passos, espectro erguido duma sepultura, atravessa a cidade entre inimigos. A aversão, o desprezo e o desamparo são o seu cortejo e com horror o escoltam; tomando por pureza a inanidade, arrogantes se afastam a tremer de macular o orgulho na miseria dum corpo pestilento de seus erros.

Nem os filhos nem a companheira se atrevem a sair do seu tugurio para beijar o misero e o proscrito que volta a consumir-se na desgraça, na treva da embriaguez em que se afoita para a sinistra aventura dos seus crimes.

De subito, quebrou-se o tragico silencio. Um grito de alegria ecôa nas choupanas. Saltando da morada um cão exulta em seu bradar duma ferina

ansia; e louco de carinho afaga o homem que outros homens maldizem, como se esse não fosse o filho infeliz da mesma podridão que a todos gera e por igual corrompe.

Estranha aberração! Cruel estigma! Humilhação fatal dum ente eleito em que Deus fez morada e se revela!... Coube a um cão parasita dos monturos a ternura generosa, esse perdão que os homens atraçoam negando a piedade ao criminoso, não sabendo sorrir à sua face e tendo por dignidade a cobardia que os privou de vêr irmãos, os seus iguais, em quantos seres a criação produz, para que o nosso coração todos confunda numa só luz de amor e de bondade.

bibRIA

II

Senhor! Porque me roubas, a mim a quem mandaste o teu Espirito para eu sentir claramente o teu imperio, a quem tu deste um coração ardente para abrigar-te e a voz para louvar teu nome e o repetir,—porque me roubas aquele ingenuo anseio de indulgencia, esse perdão tecido de caricias com que dotaste inconscientes servos, obreiros mudos da tua vontade?!... Porque, Senhor, me privas desse bem de esquecer toda a injuria, todo o mal, e de cobrir de affectos todo o crime e em carinhos dissipar sua lembrança?!...

— Isenta-me, Senhor, desse tormento da consciencia algoz que até perdoando volta a julgar os homens e os condena! Pois que lhe deste entrada no meu peito, salvai-a do martirio em que adorando-te te veja distinguindo nos homens bem e mal em vez de os confundir no teu sagrado amor omnisciente.

bibRIA



bibRIA

BENÇÃO DO POENTE

I

Foi calmo o dia. A rosa humida, que desabrochando saudou no descerrar do seio a madrugada, prateou ao sol as setinosas petalas sem que a brisa lhe ferisse a formosura; e o vento adormecido nos seus antros, vencido por estranha letargia, inerte e mudo não blasfemou suas impias coleras contra o ardor do sol. Os milharais tardios e o medronheiro, tão lento no crescer como moroso no arrastado fabricar da sua doçura, sazouaram seus frutos generosos na paz dessa propicia quietação.

Ao redor do casal, ao cimo da encosta onde o horizonte é largo e os céus são amplos, esvai-se na calmaria toda a forma, agora que o sol perdido ao poente se escondeu para lá da cerração austera dos pinhais. Descoram as urzes roxas na charneca, não mais lobrigo a tenue palidez da flôr da esteva, já não distingo no silvado o aderno: tudo o crepusculo vem tingindo em sombras.

Ao longe, os montes altos da serra e o manto das florestas nas quebradas e os campos verdes à beira dos regatos e os pomares e os vinhedos e as aldeias e a inquietação da água nas jornadas, eterna aventureira,— todos vão a dissolver-se nessa neblina, duma inundante alvura caprichosa, caótica, erradia, absorvente e mansa na avidez, como afagando o mundo e resumindo-o em um só sonho incerto, indefinível.

Olho, e nem um tremor diviso em todo o ambiente. Escuto, e nem um rumor pressinto próximo ou distante. Por sua calma a atmosfera adormeceu a vida em serenidade, e quantas divindades a interpretam e a regulam e a movem em seu anseio, desde a arrogância da montanha austera até a pequenez da célula mais ínfima, consagraram juntas numa paz divina a trégua religiosa de seus feitos, talvez a consciência da inanidade final de todo o esforço, porventura uma dúvida, uma sceptica interrogação dos seus destinos, senão o antegoso da morte experimentada em passageiro cessar das energias.

Porque, não o sei nem jámais, pobre enfermo arrastado em vale de lágrimas, o poderei saber; pois a fraqueza é o nosso eterno anátema, é irrevogável maldição do orgulho. Mas na olimpica mansidão desse crepusculo em que a vastidão da terra adormeceu sorridente e benigna, alguém, ser de bondade, um alado éco fugitivo, um murmurio

de esperança, me segreda a confiança e a fé, robusta crença na libertação final de toda a angustia, na fatal paralisia dos tumultos da nossa alma e do mundo, tarde ou cedo remidos, confundidos em amorosa quietação de penas, amortalhados em mortalha branca como esta que eu vi crepuscular, vestindo em alva neblina a terra e os astros.

II

Então, comovido e grato, reconhecendo a esmola que me alegrava o coração, quiz dizer ao Senhor a minha prece, quiz confessar-lhe a exaltação da minha alma pela serena luz que ele acendia no meu peito turvado de combates. Loucamente balbuciei palavras loucas, e todas se perdiam apagadas! Tão alto e tão profundo o meu sentir, não souberam dizer-lo esses murmurios frouxos e mortais de lábios debeis que mortais nasceram.

Cessou minha oração nesse momento. Pressenti sombras de orgulho, desvairado, na tentação de ver e penetrar a onnipotencia de harmonia e ordem que é a razão de ser de quanto existe. E humildemente apenas repeti:

— Senhor! Senhor! Senhor!...

bibRIA

O SONO DO TRIGAL

I

CREPUSCULO de maio! O céu baixo e sombrio, revolvendo nuvens pesadas, violaceas, lentas, promete dentro em breve as chuvas tepidas, pelas quais a verdura espera e anseia, na cobiça de crescer e renovar-se.

As seivas abundantes, creadoras, na turbida estação em que se elevam, a modelar os lírios e os salgueiros, latejam silenciosas; não as tenta a cantar o vôo da briza. Desde a cerração escura da floresta à humilde melancolia da campina, as legiões das frechas dos pinhais, a côma faustuosa dos carvalhos, o arrelvado extenso em desafoço, livre de manchas das plantas altas, e o que se alarga na espessura umbrosa, todos repousam quietos e calados, pressentindo a visita salutar que dos céus lhes trará toda a opulencia, a abençoar a terra de humidade, alimento e riqueza das hervagens, onde despontam frutos e sementes, e das vergonteas

frageis, ainda tenras, em cuidados de robustecer-se, para suportarem calmas estivais.

E o trigal, como os irmãos, dorme também, se em temor ou na prece é o seu segredo!

Imovel, na firmeza imperturbavel dos fieis que crêem no Senhor e sem lamentos todo o destino aceitam por ser justo, a toda a sorte querem igualmente, em qualquer perfazendo obra de amor;—aquele que ao mais leve passar do vento respondia, cedendo facil ao bulicio alado das ondas repetidas sussurrantes, sempre agitado dum sonhar sem fim, em delirio incessante rumoroso, recordando carinhos e promessas da abastança e fortuna que concede aos casais bem providos do seu grão, esse mesmo trigal se sujeitou à extatica mudez de todo o ambiente.

Já parece esquecido do inverno! Parece atraiçoar a aspiração de gerar em leite doce o pão dos miserios que por caridade santa ele sustenta.

II

Não te iludas, porém, oh Sonhador! tu que procuras lêr, na contingencia de impulsos vagos e caducas fórmias, a perene oferta do mover dos mundos à lei suprema do supremo amor. Não te engane o torpôr em que o trigal se abandonou à

paz da atmosfera. Não cuides porque o vês assim submisso que deixou de elaborar fartas sementes.

De continuo escutará vozes divinas, e ha-de segui-las, distilando os sucos, que pela raiz beber na aspereza fria. Das entranhas do chão tira e semeia, constantemente, ou se mova ou pare, a rescendente esmola das doçuras com que suavisa a fome a quem trabalha e descerra em sorrisos de alegria, flôres sanguineas! os labios das crianças.

Tambem passaste um dia ao pé do leito em que a mãe aquecia o filho ao seio. Não sentiste rumor que confessasse quanto affecto em silencio se derrama, transfundindo a quentura do sangue em outro sangue. E entretanto, fervorosa e muda, uma vida se consumia ali em outra vida.

Assim vi o trigal quando dormia, tal qual como em vigilia, consagrando à paixão do seu ser inquebrantavel aquele amor que é nosso alento e força.



bibRIA

TERRA LACRIMOSA

I

CONHECI os cativos da vaidade, sorrindo, se por acaso conquistavam os ouuropeis e fama e o espanto de multidões atonitas, turvadas, ignorantes, cegas no caminho, que da desgraça nunca se libertam para banhar-se em luz de eternidade. Na vertigem do orgulho e da soberba, julgando erguer-se por entumecida inanidade, ao verem rastejantes a seus pés os aviltados miseros do mundo, passaram sobranceiros, desdenhosos; e porque, desvanecidos, contemplando-se, só da propria grandeza iam sonhando, sem baixarem seus olhos aos humildes, desconhecaram a alegria, beleza e formosura que os pequeninos teem por seu quinhão.

Conheci o avaro entesourando, na obsessão de transformar em ouro a opressão, a fome e o martirio de quantos por astucia ou pela força subjugasse. As riquezas cresciam, construindo a fortaleza em que, confiado e firme, seria poderoso

e invencível; e entretanto o seu corpo definhava nas penas da velhice, desditoso, como se a ordem cosmica dos astros castigasse, escarnecendo, as ambições.

Insaciados de dominio efemero, porque, efemero, mal se criou e logo se arruina, avaros, orgulhosos e soberbos morreram entre pompas clamorosas, involto o seu cadaver corrompido nas vestes recamadas que o cobriam, quando ainda o sangue nele palpitava e cria deslumbrar turbidas gentes, ocultando em bordados fulgurantes a carne de continuo apodrecida no decaír fatal do seu destino. E a terra de infinita misericordia deixou cerrar na campa esse cadaver, sem que de luto se vestisse um ramo, sem que uma folha desmaiasse murcha, em lembrança ou saudade do amigo que a alentava e, estremecido, dela recebia recompensa de fadigas carinhosas.

Na morte desses loucos condenados ao pó esteril de estereis sepulturas, entre a dureza fria dos bronzes e a rigidez do marmore impenetravel, as palavras dos homens lamentavam a ruina da grandeza mentirosa, tão cedo ali desfeita e aniquilada. Mas de tais lagrimas não partilha a terra. Indiferente ao rumor do falso pranto, não cessou de brilhar e de cantar. Nem um só veio de agua emudeceu, perdido o murmurar da sua lida! Nem uma só flôr do prado se estiolou à mingua de cuidado e de sustento! Nem um só atomo de fecun-

didade se atrofiou em toda a criação! Aos cativos da vaidade e da avareza, perdoou-lhes a terra piedosa; mas não soube chorar quem, transviado, ingratamente a desamou, traindo amor materno, o leite gerador.

II

E conheci também o cavador, que para morada e leito de repouso, não encontrando um teto hospitaleiro nos vilares, foi levantar a misera cabana, de colmos de centeio e frageis varas, no pouzão comum inculto e virgem, despido, tosquiado de continuo por ovelhas bravias, únicos gados que a gente pobre ali ia soltar, aproveitando esse pascigo escasso.

Rasgou a leiva dura, empedernida; lançou no pó sequioso a semente leve e todo o manancial de vida que ela encerra; e fez brotar a água das prisões em que a guardava o peso dos rochedos. A cavar, a regar e a semear, banhando sempre a terra com o suor do rosto, despertando-lhe a fervida energia com os arrancos heroicos do seu braço e o pulsar gigantesco do seu peito, o cavador criou verde abundancia onde fora a infecunda e negra gandara, e tirou o pão e os frutos do chão aspero onde nem os silvados já medravam.

Foram passados anos nessa faina. Ao fim, surgiu ali a mancha branca duma casita estreita, avida de sol. A cabana alargou-se. Transformada, annunciou nos fumos da lareira o agasalho, o sustento e o tepido conforto dum benigno casal, servido e amado pela esposa do servo da gleba; e o embalar do berço acompanhou com o rumor alado duma esperança essa vitoria que em torno se espraiava, dilatando-se na infatigavel ansia de remir pela seara farta e latejante os longuissimos tempos de indigencia, a que a ingratidão humana, criminosa, abandonara aquelas pequenas geiras devastadas.

Mais tarde, em horas negras, tenebrosas, as ambições e a guerra assoladoras vieram separar o cavador dos filhos que criou para companheiros, e um sinistro poder arremessara para longe, labutando dispersados. Escravos uns do rei e seus ministros, por seu mandado e força coagidos a ensanguentar o mundo, combatendo pelo odio apaixonado e latrocinios em malditas pelejas mentirosas, que na suprema infamia ousam sem pejo invocar o amor da patria e atraçoá-lo, foram-se a derramar a morte sobre os campos, que o Senhor nos ofereceu para a vida, e a prostrar atrozmente o nosso irmão, ao qual por lei divina só devemos affecto, protecção e piedade, o auxilio compassivo na desgraça e o sorrir de simpatia, quando a ventura ao passar o bafeja generosa. Outros, não mais felizes, seduzidos pela visão da cidade e seu engano, en-

fermos das demencias do tumulto, perderam-se entre os fumos da oficina, pela propria vontade escravizados dos lugubres dragões que guardam o ouro e de continuo o movem e entesouram, fundindo num só cadinho incandescente a fome e o ferro, minerio bruto e corações humanos, lubrificando maquinas com lagrimas e fundando o palacio em sepulturas, pondo a brilhar em pedras preciosas, por alquimia da sua crueldade, as ossadas dos que apodreceram, transitando da pobreza à vala comum, sem algum dia terem experimentado a alegria, a abastança ou o desafogo.

Assim desamparado, entre ruínas do seu proprio sonho dissipado nas vagas da agonia como uma aparição de luz que apenas rompe e subitamente se esvai na tempestade, o cavador ficou-se a envelhecer, no silencio da gandara, amando todavia o seu casal e querendo sempre à terra, com a fé que à terra o consagrara submisso, quando pela primeira vez a fecundou e renovou no repetir das estações a verdura e o pão e a sombra e o refrigerio, sem lamento ou desanimo, curvado a trabalhar, desde o romper da aurora ao cair da noite.

III

A terra que ele amou, amou-o tambem!...

Quando morreu, calaram-se no eremo os seixos que cantavam, rolando alegremente pela enxada;

murchou endurecido o prado à mingua do sustento que alimentava as avidas raízes, entumecida a erva verdejante, quando, pelas madrugadas calmas do estio, o cavador se erguia a socorrê-las, atento, diligente, cortando breve o sono, para que por sua culpa não sofressem as miríades de seres sob sua guarda, mudos para os demais mas eloquentes para quem lhes conhecia a aspiração. Não mais ao despontar da aurora respondeu o jorro da água límpida tirada entre o mover estridulo das rodas pelo jugo robusto que a elevava da frescura dos poços obscuros à claridade rutila dos ceus.

Foram essas as lágrimas que a terra, lacrimosa e viúva, chorou pelo criador humilde do seu viço, —aquela mesma terra desdenhosa que, indiferente, sepulta os orgulhosos, degenerados do seu culto e crença.



CULTO DE QUIMÉRAS

I

ONDE começam áridos incultos, que os gados, sem cessar, teem devastado, — quasi ao cimo da encosta —, voltei-me a olhar o vale e os montes que o formavam, as aldeias perdidas nas ramagens, e os campanarios que as protegiam. Não sei se fatigado, se encantado, por necessidade instante de repouso, cedendo a quebranto estranho, parei; e ao prazer de esforçado caminhar preferi essa delicia calma de contemplar.

E, quando atentei bem no turbilhão de seres que ao redor e a meus pés pulsavam o seu pulsar olimpico, indomavel, infinito, eterno, achei-me enleado e preso em multidões de divindades, todas poderosas, que dos ceus de clarissima gloria, e das profundezas infernais do orbe, e do frescor das sombras da floresta corriam a arrebataram-me no tropel em que cada qual se agita e é seu delirio.

Então, na turbação confusa de um neófito, con-

verteu-se-me a caverna em santuario, e, no lugar consagrado pelo raio ou sobre a pedra que caiu dos astros, ouvi oraculos, e o sacerdote orava. Um deus protegia os lares e sua fortuna; outro firmava os marcos que repartem os campos entre o povo dos vilares; e os mortos e os herois erguiam-se das cinzas a ditar seu conselho e a impor os seus mandados, prolongando, em uma vida só, vidas diversas. Na forma nobre como na mesquinha, em todas se ocultava uma vontade, consciente e grande, e inflexivel. Apolo e Juno, Hercules e Ceres, Afrodite e Plutão, e Pã, deus dos pastores, e as Amadriades que viviam nos rios e nas arvores, todos tinham na terra seu quinhão, onde reinavam livres; e todos, nessa hora de visões, por mim passaram, severos ou folgando, rindo ou chorando, tristes e magestosos uns, outros alados, dizendo seus misterios e incitando-me a que, adorando-os, eu lhes tributasse o incenso devido ao seu poder.

Guerreiros incansaveis, triunfantes, povoaram os espaços de deidades e o coração de graças e favores. Negaram a solidão em todo o universo, confiado ao imperio sempiterno de demonios e anjos que encarnavam na poeira, no vento, na folha e na neblina, em rochedos e aguas e no murmurio da asa mais leve do menor insecto, sorrindo, consolando e castigando, soltando com igual prodigalidade afagos e ameaças, esperanças e terrores, a indulgencia, a ira e o escarneio, a abundancia e a

fome, o mal e o bem, toda a infinda vibração das nossas almas.

Que mundo radiante de aparições, capricho e formosura, não tentou derruir, aquele impio sectario do saber que pensando, e dissecando, e inquirendo friamente, quiz dissipar, num impeto de orgulho, esses entes celestes, bemfazejos, que andavam entre os homens e lhes vertiam no sangue fraco e impuro a firmeza, a coragem, a gratidão, salutaes alegrias e a serenidade, a exaltação suprema, a mais sublime, a consagração plena dos mortais em altares de religiosa poesia e de um dever mais forte do que a misera carne transitoria!

12 Que demencia julgou virtude haver privado de magnanimo amparo de seus religiosos filhos a imaginação fecunda e inquieta que jámais sofrerá os cativeiros da razão, altiva e austera, sem piedade?!...

Ah! não morreram! Esses filhos da nossa fantasia todos vivem ainda e nos seguem, occultamente, semeando de rosas os caminhos que os fados nos traçaram.

II

No silencio dessa tarde em que comovidamente os invoquei, ouvi-os; e a sua voz, de mansidão dulcissima, trouxe-me ao corpo como um refrigério, sacudindo a letifera inercia e o torpor em que

a venenosa sêde de saber desvaira e mata, inqui-
rindo sem amor, só por orgulho — senão, pior
ainda!, por cobiça —, da aspiração ingênua dos
fraguedos, das fontes e das ervas, das nuvens e
dos sóis, da natureza inteira no seu frémito.

Pedi-te então, Senhor, que me concedas a qui-
mera, a ilusão, esse scismar que a qualquer forma
deu energia e vontade igual à nossa. Pedi-te en-
tão que ampires os meus passos dos companhei-
ros bons que uma sciencia vã afugentou.

Não me abandoneis, Senhor, nesse deserto em
que espiritos crueis nos atormentam roubando aos
nossos olhos a beleza! Dá-me, Senhor, os sonhos
criadores! Possa eu ver as ninfas das nascentes,
os faunos das florestas, e os tritões lançando à
praia as ondas arrojadas. Se da vida me tiras as
quimeras, irisiada espuma capitosa da taça que
gota a gota vou bebendo, — que lhe encontrarei
no fundo senão o sal de abrasada e mortífera
amargura?!



ANSEIO DA MANHÃ

I

Sobre as negras montanhas do horizonte, indolente rebanho fabuloso, de peregrinas formas em desordem, de prodígios, quimeras e abantesmas, domados uns em docil mansidão, outros soltando fúrias e ameaças; sobre essa multidão tumultuosa que pela manhã tardia do outono alongara o dormir a custo afugentado; — crescia o rubor da aurora iluminando-a, sem que no céu, pouco a pouco embranquecido, uma só nuvem lhe lançasse um veu, embargando o pregão da claridade.

Apenas no poente, sobre o mar, ocultando o o limite das suas águas, vagueavam em sonhos, arrastadas, nesse perpetuo e incerto devaneio, que é seu destino e gloria, as comas violáceas das neblinas. Mas, humildes, deixavam conquistar-se pelos fachos da luz que além rompia.

Era a hora consagrada a esse culto, que ao Senhor os homens prestam no trabalho, reconhe-

cendo toda a sua fraqueza e sujeição. No bronze solene que difunde os mandados austeros da oração, segredando-a, igual e unica, aos indigentes miseros e aos ricos, a sãos e enfermos, à fera e à borboleta, aos orvalhos e rios, ao vale e à encosta, ao mais timorato musgo e ao maior roble, à pulverizada argila solta ao vento e à firmeza invencível dos penhascos, sem escolher nem distinguir no seu vibrar, em mistica insinuação de supplica indeclinavel; no caminhar heroico desses servos que, enxada ao ombro, deixam seu lar e vão servir a terra nossa mãe, banhando-a com o suor do rosto, unção sagrada, para que a sua benção nos proteja e ampare; no palpar do jugo aureolado pela propria exalação do espesso halito condensando-se em frescores de Novembro, que a leiva bebe enquanto o ferro a rasga para os frigais: — em todo o ambiente cantava uma só voz religiosa, como nenhuma outra tão pura e casta e tão fecunda e prodiga, jámais poderá ouvir-se nos apertados templos mesquinhos que somente por illusões de orgulho foram grandes perante o louco imaginar dos seus obreiros.

E o sol rubro da aurora ia-se erguendo, pausado e lento, seguro da sua força e onipotencia, sorrindo ao esforço humano e afagando-o, latejante de brilhos sanguineos, porventura misteriosamente repassados do mesmo filtro que repassa o coração e o inunda de amor quando o anima.

Mas, de subito, a luz esmoreceu no seu triunfo. Apressadas, correram-lhe ao encontro as névoas que dormiam sobre o mar. Cercam-na, occultam-na, e, mal a teem vencida, logo a soltam e fogem dispersadas, por momentos vestidas de europeis que immediatamente deixam, por preferirem a doçura do manto lutuoso que em sorte coube à sua condição. Sem tardar, ei-las que voltam, prosseguindo na indecisa jornada flutuante; e—suave castigo dum orgulho ingenuo, bem de perto seguido de indulgencia ou talvez de remorso ou contrição! as névoas renovavam seus combates, turvando a cada instante a opalina transparencia da manhã.

Ao fim, o sol venceu. Quando ia alto, a luz avassalara o espaço inteiro, isenta de todo o anseio e hesitação. E assim soberana se manteve sempre, até que o véu da noite a submergiu na limpidez das ondas diamantinas, depois de haver semeado sobre a terra a alegria e o pão, suprema esmola.

II

Senhor! Fazei que a minha vida seja espelho do anseio divino da manhã, tal qual o vi nesse romper da aurora! Possa eu dissipar sombras funestas que me escureçam o céu fundo e claro, onde a alma se expande e vôa, resgatada, a eter-

nos reinos de bemaventurança! Que a tenue irradiação do meu sonhar fortalecesse os homens no trabalho e lhes abrandasse as dores e as fadigas, assim como o calor do dia os aviventa! E que ao fim em mortalha de pureza eu dormisse também, à semelhança de luz perdida em aguas cristalinas!

bibRIA



A AZA DO REMORSO

I

EM extasis de luz rompe a manhã. Seus clarins sonoros de alvorada despertam o povoado, a serra e as águas. Dos salgueirais curvados sobre o rio erguem-se mansas neblinas, castas, sacrificando ao sol toda a pureza. Os pinheiros severos da montanha desprendem da escuridão da noite a fortaleza. E na oficina e nos lares acordam fumos de carinhos e penas e trabalho.

E acordando também desse torpor em que, cansada, dorme a consciencia exausta de torturas e de duvidas, pensei, misero e fraco, nas fadigas a que a luz da manhã me convidava. Por tenebrosa perversão da alma senti-me o escravo do ardor mundano, das cobiças, dos odios, das vaidades, da cegueira que me oculta um irmão em cada homem e que me arroja a disputar-lhe o pão e que me afoita a exprobar-lhe os erros, a mim que ouvi no peito voz divina de amor, de caridade e de perdão



e que ouvindo-a a deixei esmorecer, de culpa em culpa, traindo-lhe os mandados.

Emquanto à maldição desses infernos descia meu turvado pensamento, cantou a toutinegra na oliveira e ergueu seu doce canto à madrugada. Comungava na taça da alegria que na luz o Senhor oferece à terra. Isenta das cobiças e dos odios, sem conhecer espinhos da ambição, confiando na suprema misericórdia que lhe alimente o sangue e o ninho e lhe module o inspirado enlevo dos seus hinos e a cada magua traga seu consolo, imaculada voz dum peito inocente, turibulo sagrado, a toutinegra depunha no altar de Deus a sua oferta, antes de partir em busca de sustento.

Então uma aza negra de remorso me fustigou o orgulho; e tremendo da própria impiedade, compungido de dôr, eu perguntei que destino fatal e tão cruel me induzia em perjúrio à minha fé, sufocando em meus lábios, cerrados para o louvor da madrugada, essas canções bemditas que a ave cantava e eram uma oração, que eu esquecera e eram redenção.

II

Minha mãe que do seu sangue me gerou, deu-me com o leite haustos de amor por ti, Senhor. Enquanto me creava o corpo e a forma, toda esta

ilusão da vida efemera, em seu ultimo termo inexoravel predestinada à consumpção dos vermes, ardentemente me ensinou a ver-te, ensinou-me a invocar-te, e em teu puro espirito renascer, liberto de corrupção, para a vida eterna. Ensinou-me a adorar-te em teu poder, a implorar humilde a tua graça, e prostrado sofrer tua vontade, contente por servir-te e em ti buscando a suprema alegria. E queria em sua fé, que dela recebi e é tambem minha, queria que ao despertar da minha consciencia após suas horas de repouso e inercia, fosse teu nome o primeiro proferido por meus labios; que para me sentir erguido à tua presença esquecesse eu o mundo e o seu tumulto e assim purificado, assim armado desse escudo inviolavel, fortalecido contra todas as tentações de desvario, atravessasse a via dolorosa e de toda a fraqueza me isentasse.

Nessa manhã clara, entenebrecida em um momento fugaz e afflictivo pelo perpassar da aza do remorso, pequei, Senhor, porque transviado, perdido o meu espirito no tropél das cobiças orgulhosas, assaltou-me a miseria o pensamento e outro nome proferi que não o teu, antes que a ave me lembrasse a culpa cantando os teus louvores e a tua grandeza.

Perdoa-me, Senhor, se então traí essa fé que é o melhor dos meus tesoiros e me incendeia o peito em teu amor! Amparem-me as tuas aves,

teus arautos, mensageiros fieis da tua gloria! Em cada aurora que os meus olhos vejam despontar nos céus, fazei, Senhor, que a toutinegra volte e me venha ensinar a repetir essas divinas orações de infancia que à minha mãe ouvi no seu regaço!

bibRIA



SERVAS DA LUZ

I

LOGO após a cerração da noite, voltam-se para o oriente aquelas flôres, servas da luz, cujo rosto olha o sol constantemente e por condição estranha o segue sempre no resplendente percurso da sua orbita. Ainda a escuridão é densa e vem distante o mais tímido alvor da madrugada, mal o poente se toldou de sombras, começam essas flôres a volver sua face para os logares onde o sol ha-de romper. Por um segredo seu que nos perturba, subtil inspiração as ensinou a serem fieis à luz tão firmemente que nem a treva nem a tempestade nem a alvura do luar e a imensidade de astros brilhantes povoando o espaço poderam transvia-las e perde-las naquela adoração do sol que é sua crença. Enquanto o sol se afasta divagando por ignotos mares, aprestam-se a servi-lo. O seu primeiro alento, o raiar da aurora, ha-de aquecer-lhes o seio avido de receber seus fogos.

II

Porque, Senhor, assim inspiraste mudas flores, singelas e felizes, e deixas que os homens vão de treva em treva, rasgando o coração até à morte, ignorando donde a luz se ergue—aqueles mesmos homens aos quaes deste a consciencia do amor da luz?!...

Nas trevas da ruindade que escurecem a alegria e o riso e a bondade, divina aspiração da luz da nossa alma, possa eu, Senhor, como a flôr em tua graça, pressentir constantemente a tua presença e só para a tua luz voltar a minha face, mortificada, ensanguentada, enferma dos tormentos fatais da escuridão!



TROFÉUS DO ESTIO

I

COMO gotas candentes destiladas de cristalinas urnas de safira que vertessem sobre a terra o azul dos céus para converter em luz a inercia e a treva, o estio derrama sobre os campos queimaduras adustas dos seus fogos incendiando-lhes a fecundidade.

Mirrou-se a leiva. A fonte emudeceu. Endureceu-se o pampano na vide. O viço converteu-se em austeridade, denegrindo a espessura da floresta. Murcharam os prados e ali, onde exalaram suave embriaguez do seu frescor, levanta agora o vento nuvens asperas de calcinado pó da terra nua. Rolam no chão as palhas trituradas como restos de vidas insepultas.

São troféus do estio em sua gloria. São os despojos que arrasta na vitoria, na ufanía cruel do seu triunfo. São misterios duma maternidade santa e dolorosa.

Para fecundar a terra e nos deixar o seu sagrado leite, o nosso pão, para lhe enriquecer os filhos de sustento, de calor, de abrigo e de doçura, para madurar os pomos e as searas e para crear o lenho que nos salve dos golpes traiçoeiros do inverno, abraçou o estio em seus ardores aquela mesma terra que por amor beijou, vestindo-a de opulencia, ao despertar-lhe sua paixão constante de abundancia, o seu fascinante arfar de formosura e a prodiga caridade do seu seio.

II bibRIA

Abraze-me, Senhor, o teu ardor! Que se me converta em pó o misero involucro deste ser que nasceu para servir-te, e desfeito em teus fervidos alentos crie uma gota desse imenso amor que é o teu eterno calice de vida!—Tal qual o estio abraza e queima a terra para transmudar em pão a rocha arida e fria, incendeia de amor meu coração para em tua fé remir os infieis!



LOUCOS DE HUMILDADE

I

A' beira do paúl, onde ele se estreita e recebe do vale o seu ribeiro, sobre a arcada da ponte que o transpõe, unindo e prolongando caminhos ensombrados das suas margens, quedei-me a ouvir o marulhar das aguas, batidas pelas lufadas de dezembro e, sombrias, reflectindo o céu sombrio.

Vindo do mar o rouco sudoeste, gerado na violencia das tormentas, turvava a atmosfera escurecendo-a. Baniu do céu o azul, de todo occulto sob bandos de nuvens violaceas, fugidias, mudaveis como fumos, almas errantes, cinzas dispersas de apagados lares.

Crescidas pelo despenhar das aguas da montanha que verteram nos rios as suas neves, as lagunas cavavam funda a vaga, nessa agonia que a inquieta e é seu destino. E incessantemente a repetiam — assim como no coração volta a saudade, sem fim, a repetir-se e sem desanimo, renovando

dorida a aspiração que uma estrela sinistra lhe converte no repetir da mágua, no infortunio de se sentir privado dos seus bens.

Inconsistentes algas sonhadoras, dos sonhos dessas ninfas que as protegem e gentilmente as levam no toucado, frouxamente flutuavam enleadas nas hastes de robustos nenufares, em cuja espessura habitam mais isentas da mortal violencia das correntes.

Tambem elas, imagem da nossa alma, naquela tão minguada vida que as anima, chorariam ilusões de liberdade e em desengano igual aos que sofremos, pensando haver nascido para expandir-se e seguirem erradias seus caprichos na luz de mansas aguas transparentes, tambem elas sentiriam afinal um cativoiro na dureza das hastes que as amparam e enquanto lhes são arrimo as sugeitaram à propria imobilidade e à propria sorte?!...

Além, vai inundado o salgueiral. Parece naufragado, entregue às ondas, arrancado da terra em que medrou. Até despido e nú, de todo despojado da graça que no estio lhe agitava sua abundante coma viridente, paira sobre ele um sonho, um palpar de afago e de brandura. Ainda no mais aspero rigor, sob o queimar das neves, nos seus cinereos gomos veludosos e nos ramos banhados em alvuras vagueia uma caricia que consola, uma timida promessa de doçura, alentos da primavera que suspeita e de cujas primicias de alegria será para nós o portador bemvindo.

Para que na terra sempre permaneça uma esperança, um refugio de toda a ira e toda a tempestade, a redenção de todo o desalento e toda a treva, sorri na encosta o prado. Serenamente, ignora a tormenta e os seus combates. Rebelde ao vento, unido ao chão e a salvo do trasbordar das aguas mais subido, repousa os nossos olhos, já fatigados desse tropel de lutas de exterminio, essa mancha de deleitosa côr e de brandura. Tranquila, em sua mansidão firme e piedosa, afronta e vence a turbida violencia em que astros funestos dilaceram, funebremente, a terra desolada.

II bibRIA

Em andrajos, curvada, carregando o parco e mesquinho feixe de caruma, vem recolhendo ao lar da sua choupana, uma pobre velhinha. No rosto emaciado estão marcadas por fundas rugas, restos de agonias, as canseiras, velhice e privações. Nem uma só faúlha já lhe resta do fogo que algum dia entumeceu as veias duma face enamorada de ventura e prazer, e em ventura enlevando os que a buscavam. Aqueles sadios braços que acudiam a recolher o pão no sol do eirado, são mal definidas sombras esqueléticas de formosuras que passaram breves. E os olhos que brilharam amorosos, em zelos inflamando e fascinando os turbulentos mo-

ços do arraial, esmoreceram todo o seu calor, amorticados em descorados véus, quasi sem luz.

Mansamente, quando eu scismava no turbilhão de vidas tão diversas que ali contemplava, no misterio sem fim dos seus combates para expandirem na luz os seus anseios, a velhinha, arrastando seus passos no caminho em que resignada arrasta a sua pobreza, saudou-me e disse, interrompendo o sonho e outros sonhos trazendo em sua voz:

— «Boa tarde, meu senhor, salve-o Deus!»

III

Delira de humildade esta velhinha que em seu santo delirio desvairada, aureolada de fulgores angelicos, me dá teu nome, Senhor, só porque a sorte cega em seu capricho me envaideceu com os falsos bens do mundo, enquanto a enriquecia de pobreza e me induzia, a mim, a ser soberbo, e a me esquecer de ti no meu orgulho? Foi por isso, por ser a mais humilde, por ser abençoada desse delirio santo de humildade que a enlouquece, mostrando-lhe os seus senhores nos desgarrados da tua larga senda de bondade, perdidos nos infernos das cobiças, foi por isso, Senhor, que a escolheste para a enviar dizer-me que além desse outro mundo que ali contemplava em confusão de esperanças, formosuras e terrores, mortal, incerto, atormentado

e turvo, além desse outro mundo um outro existe onde Deus tem seu reino e onde nos salva?!...

Possa eu sempre ouvir a sua voz! Resgate-me essa fé, essa humildade que no mais perverso vê um senhor e o saúda e o serve obediente, e suplicante, por ele erguendo aos céus a sua suplica, fraternamente para ele implora a graça de salvação em Deus!...

bibRIA



bibRIA

ORAÇÃO DOS LARES

*Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majores-que cadunt altis de montibus umbrae.*

I

“COMEÇAM a fumar ao longe os tetos dos vilares e lá dos montes altos vem crescendo as sombras que se alastram sobre a terra». Tingiu-se de ametistas o poente. O campo adormeceu. Calaram-se as enxadas na deveza. Entre rumores dos gados que recolhem, caminha para a morada o cavador. Erguem-se aos céus os fumos dos casais e, desprendidos da pureza do fogo em que se geram, em vespertinos cantos abençoam o repouso da noite a aproximar-se.

São sacramento que une os lares da vida humana à luz infinita. São oração, anelo, um palpar, um vôo, anseio de brandura transportando ao espaço sem fim aspirações que os nossos corações mal balbuciam, que palavras algumas traduziram. Confundem seu misterio de beleza, um timido misterio que se abriga sob a pobre nudeza

das choupanas, em um outro misterio ainda mais alto que tem por templo a abobada celeste, por voz a voz de Deus e por fieis miriades de seres que se dispersam na vastidão do cosmos insondavel.

II

Assim seja, Senhor, minha oração! Tão alto ela se erga e tão suave se eleve em vosso amor e o sinta e adore, como o fumo dos casaes quando anoitece levando aos céus as orações dos lares.

bibRIA



CANTARES DAS SEBES

I

Ao longo do caminho da jornada na qual, dorido, vou calcando a terra, ouvi o cantar das sebes nas vigílias em que constantemente nos defendem e nos guardam os pomos, as searas e os lírios, todo o bemdito pão que nos anima de vigor o sangue e nos enleva em alegria a alma.

Valos fundos em volta do pinhal, tosco acervo de pedras que circunda o campo onde o trigal vem a brotar, viridentes comoros abrigando os ninhos sob grinaldas de rosais floridos, ramos espinhosos protegendo o alfobre para que as sementes desabrochem e vinguem, os silvados que escondem os vinhedos,—se uma vida despontando teme a avidez ingenua dos rebanhos e de aves diligentes em buscar sustento tenro para mimosos filhos; ou se a cegueira humana pervertida pode quebrar a arvore que nasce ou desrespeitar ruinmente o suor alheio, ergue-se a sebe e entoa os seus mandados,

e cobre de fortalezas todo o chão traçando os seus limites à cobiça, à imprevidencia, à malvadez e ao proprio dano da inocencia instigada por amor— como um gladio de justiça austera repartindo toda a terra entre os seus filhos. Ora severa e rude na mudez, ora coroada de verdura errante, murmurando o agreste murmurio desprendido pelo beijar de brisas fugidias, pacientemente a sebe nos protege a selva, o prado, o pão e as açucenas, quanto pode amparar os nossos braços e encantar nossos olhos em beleza.

II

bibRIA

Se para nos guardar na terra a formosura e alimentar nas veias o calor elegeste na sebe um missionario, servidor desvelado da tua graça, se nem esses teus bens mais preciosos viveram sem o abrigo e a caridade dos companheiros que lhes destinaste, como poderei eu, Senhor, crear no peito, neste peito gerado da fraqueza, o amor fecundo em que ele se arrebate, florindo em bondade e mansidão, se em tua misericordia não mandares anjos bons que me guardem e dos teus inimigos me defendam?!...

Sinta eu sempre a meu lado, protegendo-me, o doce abrigo de filhos teus, Senhor, daqueles teus eleitos e inspirados que na tua bondade e em teu

amor souberam redimir-se! Que por sua voz e sua
fortaleza arranquem meu coração ao sinistro abu-
tre da descrença, do odio e da avareza a que lu-
gubrementemente se entregaram os que em solitario or-
gulho te ignoram!

bib**RIA**



bibRIA

COMPANHEIRO E GUARDA

Do vale aos cerros onde me encontrei, vai min-
guando a vida. Lentamente, a solidão alarga
o seu domínio até que ao cimo, pela planura ex-
tensa que remata o encastelar de montes sobre
montes, de todo impera na aridez ingrata que des-
piu de verdura a terra rasa e a adormeceu, esteril,
semi-morta de avareza e silencio.

No deserto severo a que subi, apagou-se dis-
tante e emudeceu quanto na veiga fértil me fascina,
esse fremente rebrilhar de vidas irrompendo da
terra alegremente que por seus anseios vinham
demandando seu lugar e glória à luz do sol — a
carícia agitada das ramagens, mugidos da manada
no pascigo, o argentino rebater da forja, a espes-
sura ondeante das cearas, a viveza das rosas nos
jardins, a murmurante faina dos casais, toda a
abundância, toda a flôr e toda a lida que no vale
se expandiram opulentas, na abrigada largueza dos
seus campos e nos bastos vilares que ela alimenta.

Eis que, porem, no arido silencio dessa terra sem viço, devastada, se ergueu um casebre humilde, o mais humilde, e dali se elevou um tenue fumo! E logo se povoou e foi amena a solidão austera desse chão que o desamor dos homens e dos astros asperamente votara ao abandono. Foi como se uma afeição dali emanasse e banisse, amovel, por encanto, todo o ermo da gandara desolada.

É a morada singela dum pastor. Recolhe agora ao aprisco o seu rebanho, o seu pobre rebanho, filho e imagem da pobreza da urze endurecida na terra recalçada dos invernos que nunca conheceu o arado e o jugo. E protegidas do rigor da noite as ovelhas, seu unico tesouro, por sua vez procura acautelar-se da aragem fria que lhe tolhe os membros, acendendo a fogueira mal nutrida das escasas giestas que juntou.

Outro alento de vida não pressinto em redor do bravio solitario. Mas só por magia desse tenue fumo, companheiro e conforto do pastor no rispido exilio em que prefaz sua missão de amor servindo a terra, senti que até ali mesmo me guardava das sombrias visões do desamparo não sei que voz estranha e poderosa.

E pedi ao Senhor que recebesse em sua bondade eterna e eterna gloria este infinito anseio da minha alma que sem cessar o vê e ao seu amor, na opulencia da terra e na aridez, na maior chama como em debil fumo.

REINO INFINITO

Dico vobis quod quemcumque locum calcaverit pes vester, vester erit.

(SACRUM COMMERCIIUM, cap. III)

I

“Eu digo-te que é teu todo e qualquer lugar que os teus calquem» — assim o ensinava o Santo aos seus irmãos, voltando em puro espirito a ilumina-los, daquela eternidade em que resplendia o seu amor ardente, o mais sublime que ao mundo trouxe a vida e a salvação, depois que alguém morrendo no Calvario derramou por amor todo o seu sangue.

É nossa toda a terra que pisamos, toda aquela vastidão que nós sentimos, em seu alento respirando a fortaleza e em sua formosura extasiando os olhos e a nossa alma. E só é nossa aquela que sentirmos e emquanto o nosso coração a adora e louva; e é alheia, muda, esteril toda a terra que o nosso amor em tudo desconhece, ou distante dos olhos a não veja ou, estando a nossos pés, a não sintamos enchendo o nosso peito de benções e

alegrias. As boninas, os lírios e os rosais não são dessa avareza pervertida que lhes poz em redor um muro alto, para privar os homens de os tocarem, e só por isso julga possuí-los como escravos do orgulho e da vaidade; são desse peregrino pobre e semi-nú que na estrada os sentiu e, cantando e bendizendo o seu enlevo, prosseguiu na jornada, iluminada a vida e exaltada na fragrancia e frescor de formosura e na divina crença que ela inspira em tua fé, Senhor, em teu poder de eterna graça e beleza. Esse foi rico e, na verdade, teve na terra que os seus pés calcaram um reino infinito — tão rico quanto foi miseravel, indigente, esse outro que quíz contar os bens pela demencia cega e malfazeja com que privara da terra quem a ama e nessa sinistra força resumiu seu ser e aspiração. Este foi pobre, tudo perdeu do salutar alento que lhe mostrou um Deus em cada flôr, o resplendor duma essencia divina imprscrutavel; por mais terra que seus pés possam calcar, jámais possui um só e estreito palmo do chão bendito que as flores orvalhadas consagraram. Possuir é admirar e comungar, e só é nossa a terra e tudo aquilo em cujo amor sentimos consumir-nos.

II

Bens da terra, Senhor, também os quero! Também instantemente vo-los peço! Também avida-

mente os apeteço! E reconheço os muitos, gloriosos, com que prodigamente enriqueceste os que teem como sua toda a terra que os seus pés vão calcando e os olhos veem, enquanto a sua alma se extasia na beleza da vossa criação.

Riqueza é o coração que vós tocaste na perene harmonia incorruptível que é o vosso ser e vibra em todo o espaço e se espelha em luares e na açucena.

Dai-me, Senhor, a graça de a sentir, e nessa graça os reinos infinitos a que ela e só ela nos conduz! Para que então eu possua toda a terra e seja meu todo e qualquer lugar que os meus pés calquem.

bibRIA



bibRIA

PODERES DA TERRA

I

ROLAM fundas as aguas nos caudaes. Fundiu-se em torrente a neve que cobria de doce alvura a aspereza da montanha. Nuvens negras do sul que o vento apressa, jorraram o seu diluvio sobre os campos. A inundação cobriu sebes e vales, e a seara, o prado e o burgo que agasalha o cavador, os jugos e as enxadas. De outeiro a outeiro, onde ontem perpassava o suave esplendor de mansas vidas, — em timidas boninas, em rebanhos, pascendo repousados a abundancia, e nesse fecundo arranco heroico e herculeo dos servos da gleba generosa — a devastação das aguas desapiedadas estende turvamente uma mortalha. E onde se ouvia murmurar a paz, o embalar dos berços carinhosos e estridulos descantes de ceifeiras, felizes e esforçadas na sua faina, lançou a inundação roucos pregões de ameaça e terror, tumultuosa e lugubre no impeto. Dia e noite, ou brilhe o sol ven-

cendo a tempestade ou a escuridão se cerre impenetravel, rugem no vale horrendos clamores de morte, de ruína e de crueza.

Ouviram-nos ao longe os povoados; os montes e as quebradas repetiram-nos. E, sentindo como um grito de aves funebres que dos céus nos mandassem seus agoiros, um sombrio pavor me subjuga. Seus lividos espectros de desgraça escurecem-me em mágoa o pensamento, mostrando-me os infernos neste mundo entregue sem resgate às suas penas.

II

Não me culpes, Senhor, se eu esquecendo, em momentos mortais de desalento, a sabedoria infinda do teu ser que o orbe rege e funde em harmonia, sucumbi de fraqueza e de descrença perante os poderes da terra no seu auge! Não me culpes, Senhor, se assim vencido, atônito de espanto e de terror, senti passar a colera das águas e tremi de sofrer sua inclemencia! Não me culpes, Senhor, se um instante de assombro me oprimiu perante as iras da vossa criação e nelas vi tiranias indomitas cruéis! Logo me emenda o erro, crê, e me resgata de vãos temores e de fraquezas impias a inteira fé na suprema perfeição de quanto é teu. Mais alta que os clamores da inundação, uma outra voz me ergue no desejo de que a «tua vontade seja feita, quer nos céus, quer na terra», eternamente.

PERPETUAS DO ROMEIRO

I

ENTARDECER de outono tépido e quieto!.... O sol baixa ao poente, brandamente, em seu rubor velado de neblinas. A soberba do estio esmoreceu. Ha manchas desbotadas sobre os campos; empalidecem vinhas e pomares. A ceifeira já ergueu da terra a seara e deixou côr de cinza todo o chão. Os frutos coram derradeiras côres nas hastes semi-nuas e vergadas, e os mostos, referendo capitosos seus turbidos perfumes traiçoeiros, semeiam nos vilares visões pagãs de bacantes e faunos em delirio.

Descem do monte os bandos dos romeiros. A essa orgia da terra generosa, embalsamando a aldeia em seu deleite e remindo-a da fome com o seu pão, responderam na ermida da montanha des-cantes amorosos, plangentes, orvalhados da noite e abençoados do sereno fulgor de astros propicios.

Rebeldes à fadiga, alegremente, voltam à paz da

aldeia e ao seu trabalho os romeiros que foram à capela a confessar as penas e paixões, implorando do bem-aventurado santo que lá mora, nessa agreste pureza do seu ermo, que às suas penas lhes mandasse alívio e que às paixões lhes desse horas fagueiras. E para que dilatadamente se prolonguem confissões e promessas murmuradas candidamente em estos de terrura, para que jámais se apague a sua lembrança nos lares em que se abriga o coração cativo do juramento bafejado pelo resplendor do santo do altar que entre lírios e rosas lhe sorriu, trazem no peito um ramo de perpetuas os romeiros saudosos da vigília em que sonharam o céu e o paraíso. Querem que um tão breve instante de ventura, por magia de amor, se torne eterno e que perpetuamente o guarde a flôr em que sempre o verão como em sacrário.

II

O mais rude como o mais experimentado adorou neste mundo a eternidade. Na hora mais breve que se esvai e passa, no sorrir e nos olhos dos que amou, quiz ver e quiz sentir luz que não morre; e fielmente, talvez para não cair em tentação de perjúrio ou fraqueza, quiz encarnar a crença na flor, dar um calice à fé e o seu quinhão da formosura que na terra a louva.

A vida só é vida enquanto ama e traduz e adora a eternidade na beleza do mundo e da nossa alma. É a tua lei, Senhor!

Possa eu servi-la e fosse este meu peito perpetua do romeiro onde abrigasse um infinito amor e eterna graça!

bibRIA



bibRIA

PODER DO VERBO

I

No apolíneo sonho do poeta, à beira da torrente, sobre os montes, o pastor que além viu a moça linda e ingenua, revestida de viço e de frescura tão perfeitos como os da primavera em torno que o afagava, cativo o coração e confundindo no mesmo vago enlevo a graça e a formosura, cantou assim ternuras do seu peito:

«A erva cresce agora livremente. Ha lírios sobre os prados. A maré verde de abril trasborda no seu crescer. E para traz, muito longe, perdeu-se cego o inverno.

«Assim como a primavera surge da tormenta, assim da morada escura surges tu.

«Em ti reside a luz, e qual espraçada no contorno dos lírios a primavera brilha, assim do teu coração, pelos lábios vermelhos entreabertos, vem palavras e amor aos feixes erguidos do aconito. E aquele que o movimento agita lança à terra a ben-

ção, pelo suspirar ardente e pelo amor, pelo desejo bom e pela alegria.»

«Quando tu partires, no inverno incerto, entre os fumos da morada e no rumor dos homens, então verei sempre os teus cabelos de oiro e os teus pés brancos ageis no volteio. E do limiar da porta até ao lar, canções vindas do sul, as palavras da tua boca hão-de esvoaçar, aqui e além, a repetir-se em todo o espaço.» ⁽¹⁾

II

Oh, magia do verbo que converte passageiro murmúrio em eternidade!...

Por que subtil poder e invencível palavras dum instante, etereamente aladas e fugazes, voltam do infinito espaço em que as lançou a vibração dum peito comovido, para de novo as ouvirmos tão altas e claras e tocantes como da vez primeira que as sentimos?!... Por que energia oculta se renovam, e nos povoam de visões os sonhos, e nos amparam os passos com o conselho, e nos fazem sangrar o coração, e nos desprendem o sorriso e o canto, e nos elevam na oração divina, as palavras que al-

⁽¹⁾ William Morris. *The Sundering Flood*.

guem, um pequenino ser mortal e fraco, minimo atomo no volver dos mundos, um dia segredou timidamente na mansidão dos seus labios mortais?!...

São anjos teus, Senhor, são anjos teus! Pastores do teu rebanho louco e debil, os enviados bons do teu amor que vem a encaminhar nossa fraqueza no caminho da tua salvação!

Antes, Senhor, a inconsciencia, a morte, o infindo dormir da propria alma, do que o errar no mundo ao desamparo, sem a bemdita voz dessas palavras que de continuo ouvimos repetir-se, «aqui e além, perpetuamente, em todo o espaço», e nos renovam quantas visões de amor nos enlevaram, quanta beleza e graça nos mostraram para além deste mundo os ceus e os anjos!



bibRIA

UNÇÃO DE GLORIA

I

NASCE para vida curta e breve passa seu sonho de candura e de belleza a flôr que a primavera descerrou. Brisas ligeiras que lhe baloiçaram ao sol do meio dia o seu turíbulo de dulcissima seiva perfumada, essas mesmas virão rasgar-lhe as petalas antes que o vento abrande no crepusculo.

Foi um celeste instante de brancura aquela que poisou sobre o espinheiro florido entre a palida verdura. Os oiros reluzentes do ranunculo brilharam curtos dias entre os prados; e a desmaiada purpura da olaia, no suave rubor que nos fascina, parece ter nascido para uma hora, tão cedo ela decai e junca o chão e se dissolve e perde emurcheda. E as rosas — é seu fatal destino, bem o sabem! «nasceram para viver uma manhã». O seu frescor é o beijo duma aurora e uma só vez na vida hão-de senti-lo.

Entretanto, na sombra, humildemente, a hera sempre verde, persistente, de continuo cresceu so-

bre a ruína, e ou a neve embranqueça no trigal a verdura da terra requeimando-a, ou o sol alente as seivas dos vinhedos, ou o inverno a castigue rudemente, ou o estio sequioso a abraze, vai urdindo, incansavel, esse manto de viço tumido e quente com que protege feridas da ruína e, remoçando-a, a veste de grinaldas. E caem desfeitas sobre as heras as flores que a primavera desfolhou, na vida curta e breve em que viveram seu sonho de candura e de beleza.

II

Ah! Bem feliz, Senhor, seria o filho teu cuja sorte escutando o seu desejo lhe deixasse escolher para seu quinhão a frescura das rosas passageira vivendo longa vida prolongada na robustez das heras caridosas; porque esse seria a tua imagem, bebendo sobre a terra dum só calice a suprema beleza e o teu poder. Mas, pois que à imperfeição eu fui votado e nela hei-de cumprir o teu querer, vivesse eu como as rosas um momento de candura e de graça e de perfume, e morresse incensando heras robustas de caridade e viço imarcessivel!... Passasse assim na terra, como passa, numa tarde de abril embalsamada, a unção de gloria que os rosais verteram sobre o vigor das eras persistente!... E seria feliz, abençoado, tendo sonhado a tua eternidade involta num alento de doçura.

SACRO HOLOCAUSTO

I

O OUTONO palpita nos orvalhos. Já a manhã é tardia em despontar e o cavador trabalha em bem prover seu refugio para a aspereza do inverno. Antes que rasgue a terra para o frugal, hade juntar em torno do seu lar a provisão de lenhas que alimentem calor e vida em noites de dezembro, a alegre e rubra chama da fogueira.

No pinheiral da gandara, que dormiu prolongados silencios abrazados quando o sol ia alto, fulminando verdes searas a beber seu leite da terra criadora, entre cantares dos filhos do seu seio e seus escravos que em suor a banhavam fecundando-a—no pinheiral da gandara, a arvore ferida, decepada do chão pelo aço luzente que o lenheiro vibrou em herculeo arranco, solta tombando clamores tremendos; e a paz da floresta repetiu-os em ecos de saudade compassiva.

II

Oh, sagrado holocausto duma vida austera e solitaria, corajosa, vivida a todo o tempo, paciente labor de muitos sóis, de rudes provações que experimentaram a tempestade, a calma, a noite e o dia, aguas violentas que flagelavam e aguas de brandura, salutar afago, luas calados, doces sonhadores, e o desalento do ardor do estio e a branca inercia das manhãs do inverno, toda a luz, todo o tumulto e toda a paz, todo o infinito ser de infinitos mundos!... Tu morreste bemdita dando aos homens todo o calor que guardas nas entranhas, para agasalhares os berços e o trabalho, para retemperares os seios que amamentam e para aquecer os braços que se tisnam na escravidão da terra redentora!

Eu não sei se é de dôr, se de gloria, se é louvor ou lamento que te envia, a ti, Senhor, que lhe traçaste a sorte, esse grito que ouvi no pinheiral quando ao caír da arvore bradou seu ansiado brado a sonora haste que cantara a mansidão das brisas que a tangiam. Mas ouvindo-o, Senhor, ouvi tua voz; e, turvado da abundancia da tua caridade, implorei-a—não me abandonasse, como não me abandona a fé que eu tenho em teu misterio de bondade e amor.

SAGRAÇÃO DO ESCRAVO

I

No alto da montanha, ao romper de alva, já mou-
reja no campo o cavador a alentar essa terra
de que é escravo, seu sonho e seu tirano, e sem-
pre amada, fidelissimamente obedecida, ou a sonhe
feliz dando-lhe frutos entre rosais corados olo-
sos, ou a sinta opressiva, insaciavel, bebendo-lhe
no suor do rosto todo o sangue. O tepido confor-
to do seu lar, o dormir sorridente dos seus filhos,
o desvelado afan da companheira no seu mudo li-
dar e em seus carinhos, quanto lhe afaga o coração
e o tenta a esquecer na ternura a escravidão, tudo
deixou por essa tirania, para fecundar a terra à
qual o prende o rigor de apaixonada sujeição. Mal
ao nascente a luz embranqueceu, ei-lo que parte,
erguido e corajoso, a pelejar a peleja bemdita de
crear!

Dorme além a cidade ainda prostrada da tene-
brosa orgia que a desvaira. No dissipar de palidas

neblinas, que a madrugada rasga pouco a pouco, irrompem, lentamente, as sombras orgulhosas dos palácios em que o luxo entorpece seus filhos corrompidos e enfermos, de alma e do corpo, por suas vãs loucuras tão crueis.

Surgem a par as torres das igrejas, onde a fé, a mentira e a hipocrisia lançaram de tropel em um só templo a cruz de Cristo, a mais santa das crenças, e a mais torpe traição, essa que oculta sob veus da pureza e na oração toda a cobiça sordida de mundos que em podridões sustentam o seu deleite.

É frouxo ainda o fumo da oficina. Nos seus leitos de ferro e de granito mal despertaram os monstros que, rugindo pelos lugubres antros deneigrados, convertem todo o sangue em alavanca ou em um numero, como se fôra a haste fria e rígida do mais frio aço endurecido. Toda a emanção de Deus que anime um ser em Deus criado e nele engrandecido, coração, formosura, o proprio seio que amamenta um filho, supremo alento dum supremo amor, qualquer impulso duma consciencia iluminado por visões dos céus, o mais leve passar duma alegria,—morrem, são nada à porta da oficina, escoria inutil que os dragões arrastam àquelas profundezas tenebrosas em que ter alma é um crime, e o pensar e o sentir são uma traição, um erro, um prejuizo dos argenteos tesouros mercantis.

No declive estreito dos outeiros e na sombra

mais humida das suas pregas, ao redor dos palácios e dos templos, como varridos em monturo abjecto para longe das grandezas que afrontavam, confundem-se e amontoam-se os casebres onde a fome e a sua negra côrte de vícios, de loucura, de enfermidade e morte e blasfemia teem seus covis e dilaceram os martires que a crueza dos ricos lhes votou.

O proprio rio que regara os prados e os tingira em verdura e macieza, que adoçara vinhedos das encostas e orvalhara os vergeis alcandorados na ribanceira que a pervenca esmalta, o proprio rio onde foi espelhar-se o rosto lindo da donzela ingenua calivada dos olhos que respondem comunicando nos seus o seu anseio, o rio que serviu a obra de Deus, sua pura beleza salutar, — tristemente se roja na cidade, turvado por as suas maldições e servindo a avareza despiedosa que roubou o pão de miseros humildes para em opulencias cobrir de oiro a soberba.

E perante a cidade em seu letargo, atormentada e palida de dôres, sucumbida nas suas maldições, o sol rompendo ao longe sobre os montes, na resplendente luz do seu nascer, aureolou de gloria o cavador, sagrando-lhe a sua crença e o seu vigor, a robustez herculea do seu peito e a consagração bemdita de sua alma a esse tributo infindo, heroico e santo, de em suor pagar à terra o nosso pão.

II

Senhor! Em vossa caridade reparti vossos bens por quantos, infelizes, a fraqueza condena a mendigar dos fortes o seu pão, embora o orgulho os traga confiados em perfidas grandezas traiçoeiras! Por esses que o destino arrasta na tristeza, no cansaço e desgosto de viver, porque em hora sinistra se apartaram do caminho da vossa salvação!... Deixai que chorem sua desventura, e em seu queixume ouvi a minha voz!... Deixai que chorem em doloroso exílio esses proscritos que jámais comungam com o cavador na bênção de criar na terra o nosso pão com o suor do rosto! Á luz da aurora que o beijou no monte, juntai as lágrimas dos que vão chorando sua desgraça, sua perversão!... Fossem elas incenso e ouro e mirra que os deveis reis do mundo tributassem à sagração divina do escravo!... Resgatassem humildes todo o erro que os desprendeu da escravidão da terra!...



MALDIÇÃO

I

ENTENEBRECIDAS noites de tristeza afastaram-me da via iluminada para logares distantes, desprezados dos escravos das seduções mundanas, prisioneiros fieis dos seus regalos.

Passer pelas vielas lobregas, estreitas, onde se acoitam multidões abjectas, que os ricos aviltaram condenando-as à ignorancia, à fome, aos vícios do infortunio, à loucura e ao crime, a epilepticas convulsões da embriaguez, à indigencia, ora prostrada ou insolente, ora mendiga lacrimosa e tímida, ora cuspiendo pragas e blasfemias em sua altivez irada, revoltada. Vi os negros covis dos desgraçados que a opulencia arrojou longe dos olhos para os monturos humanos da cidade, — não fossem os andrajos e os vermes confundir-se entre vestes de purpura manchando-as!

Dos gemidos que vinham desses antros, tantas vezes castigando as nossas faces como um

viperino jacto de veneno, a procurar vingança; do rugido da miseria nos seus transe nenhum me tocou mais o coração do que o grito das crianças açoitadas, entre imprecações raivosas de posses-sos, flageladas com desprezo e odio vermelho, somente por chorarem doloridas de fome e frio e infima indigencia, sem carinho e sem pão, sem um leve consolo, que conforto e que alegre e vivi-fique dum reflexo de divina essencia o corpo en-fermo e a empedernida e bruta animalidade.

Longas horas depois de ter deixado os coitos dessa escoria penitente que sofre e geme em vão nos seus infernos, sem alcançar mover à misericor-dia os soberbos e grandes que em seu fausto, emudecida e cega a consciencia, lhe negaram jus-tiça, ainda ouvia insistente o clamor desse tor-mento louco das crianças.

E nenham mais cruel tenho encontrado!

Em nenhum—e são muitos entre os homens! encontrei maior dôr e perversão.

II

Se o estio esgotou fontes e rios e secou a campina, a ave infeliz, que tem filhos no ninho a sustentar, e em vão moureja, deligente e muda, por todo o abrasado e ingrato espaço, tem de voltar

ao poiso desprovida. Mas não castiga essas famintas bocas que a esperam, gritando e atribuladas, a pedir-lhe o alimento que não pode dar-lhes, pois lho recusam os calcinados campos adversos. Sofreu resignada o suplicio, a fome, a sêde, e a amarga invocação dos que um mau sestro confiou ao seu amparo.

Se o leite séca ao animal bravo, por qualquer contingencia da sua sorte, oferece o peito exausto ao filho debil, todo o seu sangue quereria dar-lhe; e sentindo-o a morrer de inanição, responde com os carinhos ao queixume da vergonteia que vai a definhir, aquece-a junto ao corpo, mas jámais se abandona a impetos de colera, só porque um ser amado lhe suplicou, inquieto, angustiado e lacrimoso, o mantimento que carece para viver.

III

Que estranha aberração induziu o homem a negar a robusta caridade, comum, vulgar, no peito inconsciente?!... Que estranha perversão o fez acrescentar à indigencia a crueldade, torturando, sómente por lhes sentir as agonias, aquelas mesmas vidas que criou, carne da sua carne, almas da sua alma?!...

Discipulo de Cristo a quem adoras, por comu-

nhão na sua vontade e anseio erguido à plena luz do intendmento que te mostrou irmãos nas infimas particulas, na argila e na poeira, como no coração, na rosa e em tudo quanto existe! Senhor soberano dessas forças terrenas formidaveis que dominaste e trazes por escravas em proveito do teu goso e teu triunfo, convertendo-as do terror à mansidão, docilmente vergadas ao capricho!... Por maldição de tragico imperio, em tenebrosa queda degradado, foste sujeito, louco, em teu orgulho de virtude e de crença e de isenção, a repassar de fel a dôr dos proprios filhos!

bibRIA



PROFISSÃO DE FÉ

I

Não ajoelhei no adito do templo e, como o filho querido do poeta, fiquei também de pé, rebelde e incredulo, «quando um povo fiel na sombra das abobadas se curvava ao passar de cantos celestes, tal qual se verga a multidão das canas quando sobre elas sopra o vento norte.»

Irreverente e altivo, passei coberta a fronte por monumentos altos, insensatos, em que orgulhosa demencia de grandezas, poluindo com o fausto a divindade, num estranho tumulto de blasfemia e suplica, de mentira e verdade, de confissão ingenua e de impostura, poz o sinal da cruz e da oração ao sagrado retiro em que confunde religião, vaidade, amor e odio, fanatismo e doçura, mansidão, crueldade, perdão, vingança, cobardia e coragem, o nobre e o misero, o sacripanta e o santo.

Muita vez me afastei desse desvairo, satanica traição, em que o resplendor de Deus no calice e

na hostia se empana esmorecendo em nuvens de vileza que derramam em torno a escuridão da impiedade e das paixões mundanas.

II

Mas não te deçamei, Senhor, porque assim fiz!...

Sempre que o coração tentou seus vãos de candura, sempre que se sentiu sujeito a forças sobre-humanas para as servir guardando os seus mandados, no remorso e na duvida, em todo o penar de angustia e em toda a esperança, em affecto e ternura, em sonhos de pureza, aspirando ao enlevo no Eterno, cansado deste mundo de fraqueza, ergui olhos chorosos ao azul, onde scintilam astros diamantinos, e invoquei-te, Senhor, meu Deus e Pai, a ti «que estás nos ceus, nome santissimo, para que tu me acolhas no teu reino e eu fielmente cumpra a tua vontade; para que me dês o pão de cada dia e me perdões quanto te dever, assim como aos meus devedores tambem perdão; para que afastes de mim a tentação e de todo o mal me livres para sempre.»

E fui humilde então!... Nesses altares me despi totalmente da soberba e ajoelhei prostrado, submisso, a escutar tua voz e a adorá-la, religioso, confiado e crente, curvado como o canavial vergado ao vento.

DRIADA ENFERMA

I

PELO musgoso atalho da floresta, entre o tojo bravo e urzes austeras, fui saciar meus olhos na beleza e reanimar o corpo na carícia que o sol esquivo e brando de dezembro frouxamente derama através da espessura do pinhal.

A custo ia abrandando o frio da manhã. São curtas nesse tempo as horas tepidas. Mal se fundiram os gelos da derradeira noite, logo vem renová-los mais profundos a palidez de frígidos crepusculos.

Experiente, já certo dessa lei que dos astros nos vem e é impreterível, sorvia com avidez a delícia breve que eu sentia fugaz, quasi uma ilusão de transitorios sonhos luminosos.

E lembrava o estio e a primavera!... Ali, naquela mesma floresta, ali busquei abrigo da violencia dos abrazados dias inflamados pela calma do mês de Santiago. Ali me defenderam dos seus

fogos as vastidões umbrosas impenetráveis. Ali ouvi passar no vale vizinho o sussurrar das águas que corriam a reanimar o prado emurchecido por aturadas horas refulgentes. Ali senti esse leve sorrir vindo da terra, desprendido dos borbotões das fontes do seu seio para redimir a vida extenuada, desfalecida à mingua de frescor.

Ali encontrei passando ao entardecer, em sua plena graça juvenil, como se alada rosa eu entrevisse, a moça que subia das lenturas fecundas do juncal a regalar seus gados com o pascigo, entre cantares ceifado alegremente, vibrando firme a foice, despiedosa, a traçar nos seus dentes a bonina mais branca, e o malmequer, e a mais esbelta haste do azevem onde já despontavam as palmas rígidas em que guarda a semente.

E eis que de novo a encontro agora na floresta, a essa mesma driada que outrora, em perfumadas horas estivais, passou por mim turvando-me os sentidos de subito embebidos, cativados, na gentil maravilha de seus gestos.

Mas quanto vem diferente e vem mudada!...

Que é da graça subtil que a envolvia, envolvendo na sua formosura os olhos confundidos, fascinados do latejar sadio que igualava o florir ingenuo da açucena?!...

Filha da terra e sua humilde serva, também ela conhece o outono e o inverno; também arrasta penas e fraquezas; também se empobreceu de seus

enleios. Não fugiu ao rigor da lei comum. Enferma, traz enfermo o seu encanto; vai quebrada a magia do seu poder divino. Curvada sob o feixe de duros ramos secos que para seu conforto esforçada colheu de orgulhosos robles, castigada a frescura rosada dos seus braços pelos espinhos impios dos silvados, tisonada a face pela aspereza cortante das manhãs, é agora a lenheira paciente, mortificada e debil, imagem do trabalho e do sofrer, aquela ceifeira airosa que ainda ha pouco foi para mim missionario feliz da alegria sagrada de viver, afortunada voz e alto pregão das seduções da terra, claro espelho de todo o seu amor.

II

Se em toda a vida passa a enfermidade, se a formosura é incerta, e se o lirio e a estrela e a nuvem e o marmore mais duro, e a alegria e o riso e a doçura infinita da bondade e a propria luz do sol são pereciveis; se a criação inteira que os olhos veem e que a nossa alma sente, toda a beleza intima e a do mundo, decai e desfalece, sofre e se apaga: se só tu és eterno, Senhor! em tua caridade e teu saber, e se a suprema harmonia, que é o teu sonho, não distingue o prazer e a dôr, a caricia, o flagelo, a rosa e o cardo, por igual divi-

nos em teu divino ser — se é esse o teu querer, bemdita seja a hora em que encontrei a driada enferma do inverno que em seu dissipado encanto e em sua mágua correu a ensinar-me a crêr em teus designios e me segredou louvor e obediência, a inteira abdicação em teu misterio!

bibRIA



MONJAS DO OUTONO

I

OUVI cantar no monte as urzes roxas.
Cantavam ao romper de alva, ainda banhadas do scintillante orvalho da manhã que pela noite calada e arrefecida as estrelas pousaram nos seus braços, trigueiros como a terra onde se criam.

Cantaram ao cair da tarde, iluminadas por brazeiros corados do poente que o tumultuar das nuvens inflamou, ao longe, sobre o mar, no extremo horisonte.

E enquanto assim cantavam nos seus bandos, vagabundos das fragas e dos seixos, cobriam toda a terra da sua purpura, esmorecida e branda, tímido murmúrio da vermelhidão que hesita em seu clamor e teme ferir quando só quer dar vida.

Cantavam livres percorrendo a gandara rasa onde nem um desgarrado arbusto se afoitou a erguer mais alto o ramo castigado, sem remissão votado a rastejar porque o pascor continuo dos

rebanhos mais não consente. Pelos recessos húmidos das grutas, sob a curvada aboboda do roble, entre ogivas audazes dos pinheiros, na alumiada encosta que conduz à azenha encastelada sobre o rio, ou adornando frígidos penhascos que só conhecem os rigores do norte—cantaram sempre e com a mesma voz as urzes roxas, monjas do outono.

Conformada doçura bem casada com o declinar das pompas do estio, renuncia da opulência, resignação entre a pobreza ardua do inverno que o encurtar do dia já promete, um sereno caminhar para a austeridade, aquele desprendimento sobre-humano que descreu das grandezas deste mundo, da ansiosa tormenta da ambição, e procura o resgate em singeleza — tudo eu ouvi cantar às urzes roxas, monjas do outono bemaventuradas, que aos olhos me trouxeram suavidade entre ameaças rispidas da aspereza e a minha alma engrandecem conduzindo-a aos reinos religiosos da sua paz.

II

Senhor! Tu que me consentiste a graça de escutar a voz bemdita com que no outomno as urzes roxas vem a libertar-nos das dôres de embriaguez obcecada que pôz sua ambição em que-

rer muito, em vez de a consagrar à fortaleza de se sujeitar à lei que em teu misterio dêste ao universo, não permitas, Senhor, que eu desfaleça! Enquanto a minha jornada não findar, que eu não deixe jámais de te escutar no canto bemfazejo das urzes roxas, monjas do outono!

Possa eu beber com elas no seu calice a suave resignação da sua pobreza, seu valoroso animo que afronta, cantando e derramando suavidade, pressentimentos que aos demais oprimem, esse cair da noite do inverno, seus flagelos, suas privações, o gelo, a morte, todo o seu cortejo de crueldades sem fim, inexoraveis!



bibRIA

A TERRA ESCRAVA

I

ESTA terra que no homem tem o escravo e, toda poderosa, o traz curvado a amá-la, essa mesma por sua vez foi também escrava quando, obediente e humilde, serve o esposo ao qual sorri ansiosa e abre o seu seio.

Ha-de rasgá-la o aço da charrua para que a seara acorde nos seus sulcos; e ha-de a foice resplender, ceifando o pão, para que ela aos servos dê o seu sustento. Se esse beijo de amor a não alenta, jaz infecunda, endurecida e núa, como triste proscripta da alegria, desamparada à beira do caminho, em vão sonhando caridade e gloria.

II

A escravidão é a tua lei, Senhor! A ninguém que tu ames a ocultaste. É o mantimento e guia

da jornada que à tua fé nos leva. Nem a estrela mais rutila dos ceus deixou de ser escrava de outra estrela. Sintam os meus pulsos todas as algemas que me acorrentem a esse teu querer de fecunda bondade, sujeitando o meu ser a outro ser e perfazendo assim a vida eterna do amor e da humildade! Sirva-as o sangue, dê-lhes o calor!... Adore-as meu coração!... Por elas se resgate da treva das tristezas e das dôres em que o solitario orgulho pena a culpa!

bibRIA



MISTERIOS DE CÉRES

I

O NOTURNO ulular do negro inverno solta no pinheiral espectros clamorosos. Abrigam-se refugiados nos casais, em volta da viva chama que os aquece, os tímidos foragidos da tormenta e os colos que acalentam creancinhas.

E, heroicamente, afrontando a rudeza da inclemencia, despontam nas campinas os trigais. E, alegremente, esvoaçam na levada alvas farinhas, bailando o seu delirio sob os colmos que protegem a azenha sonora. E, ardentemente, o brazido dos fornos vigilantes fabrica no seu fogo o doce pão que, quando alvorecer, nos reanima para seguirmos na terra essa jornada da via dolorosa, via ingrata.

São os misterios de Céres que do seu seio distila o abençoado leite que amamenta os infinitos bandos dos seus filhos.

A terra, o fogo, a agua e o nosso braço, quanto

a criação sonhou de grande e belo e santo e generoso, desde a fecundidade casta duma leiva até ao nosso alento, consumido pela consciencia do dever cumprido,—todos Céres arrastou em seu misterio, todos são seus escravos, obreiros doces, servos diligentes da sua caridade. E a sua esmola, o pão, que por igual aviventa nos berços a innocencia, renova a energia ao cavador, e piedosamente desce às gehenas turbidas dos miseros proscritos que em desgraça e no crime resvalaram—o pão gerado para crear o sangue é também sacramento que une a alma a todas as divinas forças que o geraram, particula de insondaveis mundos e infinitos de poder e de amor.

O inspirado rude plebeu que, se o pão caiu no chão, o ergue e o beija, consagrou na candura religiosa esse misterio que une a nossa alma à terra e aos ceus e só a religião suspeita e adora.

II

Conduzi-me, Senhor, ao altar de Céres! Ensinai-me sua graça e os seus misterios! Assim como o pão renova no meu sangue o calor que o agita e o move e o fortalece, fazei, Senhor, que ele nutra também meu coração para sentir, prostrado em

gratidão, tua eterna bondade generosa! Que por meu braço o louve e engrandeça!... Que, curvado, lhe tribute o suor do rosto!...

É o teu mensageiro o mais fiel. Seja eu o seu servo o mais humilde! Pois que, servindo-o, Senhor, te glorifico e em ti resgato a miseranda vida.

bibRIA



bibRIA

HORAS DO MEU PEITO

I

FICA à beira do rio o campanario que do alto da sua fortaleza conta as horas da vida passageira em que ao redor se agitam ou repousam os campos remansosos e os vilares, afadigados na fadiga humana. E quantas horas caem do bronze, lento e sonoro, que as solta ao vento, ou tormentosas sejam ou benignas, leva-as o rio para o mar profundo, na sua imensidade vão perder-se.

II

Assim caudais de amor, e esses sómente, me recebessem horas do meu peito, quantas meu coração poder contar, ou na mágua e na dôr ou na alegria, e todas elas as levassem céleres, na candidez das aguas baptizando-as, a perder-se, Senhor, na imensidade da bondade infinita do teu seio!

bibRIA

ÁGUAS VIUVAS

I

NÃO distantes do mar, entre rochedos, brotam as águas que, em seu breve curso, desoladas se internam na aridez, até que de todo as bebe o areal adusto e as confunde perdidas na amargura de ondas salgadas que destroem e queimam.

Foi-lhes arduo o caminho. Apenas surgem da terra e viram o dia, encontraram a fragura impenetravel, madrastra avára de mirrados lichens. Depois, como cativos escoltados por alcantiás que os cingem ao caminho apertado no sombrio vale estreito, nem sequer por momentos gloriosos sentiram a liberdade das campinas que amorosas quizessem e se exaltassem em seu fecundante afago. Por fim, engolfando-se em mares insaciáveis, esteril se dissipa para sempre esse anseio de amor que prometia a rosa e o trigal e a sombra viridente e que, infeliz, nasceu só para sofrer, por negra sorte cedo condenado a jámais se expan-

dir em formosura e nunca amassar o pão que mata a fome. Malfadadas, essas aguas das fontes junto ao mar beijaram o pequenino campo minguido entre rochas rebeldes e soberbas, e eis que o mar as vem beber e logo as lança nas suas profundezas insondáveis.

Foi seu destino serem infecundas!

II

«Aguas viúvas!» disse o cavador. «Na vida não tiveram quem as ame. São viúvas do chão que as recebesse no seu seio profundo e generoso para as restituir á luz em flores e em frutos, para vestirem de doçura a terra, para salvarem da fome os que a padecem, para se alargarem em lagos dos açudes e para cantarem na levada alegre seu louco impulso, todo o seu folgar».

E o cavador scismava na sua leiva, naquela que rasgara no bravio, e era regada só do suor do rosto e pelos orvalhos breves da manhã, e em dias tormentosos dilacerada pela rispidez de invernos inclementes, severos, tanto ou mais que o sol de julho. Por que erro ou misterio chorava ali a agua a viuvez dum benigno chão que a desposasse, e lá no cimo do monte o campo pobre desfalecia à mingua da lentura que lhe acordasse

os germens e os trouxesse a viverem a gloria de crescer?!...

E o poeta, ao ouvir o cavador, pensou na viuvez das almas que no mundo, nascidas para a bondade e para o amor, voam seus vôos na ruindade agreste dos egoismos miseros dos homens e, à mingua de almas irmãs que lhes recebam seus anseios fecundos de carinhos, mirram-se estereis entre desenganos, e do mundo se apartam dissolvido o seu desditoso anseio bemfazejo nas profundezas da desilusão.

Por sua vez incerto e compungido, tremendo da desgraça dos infernos onde penam os corações desamparados que em desventura nunca sentem irmãos pulsando a par do seu pulsar de amor, o poeta responde ao cavador:

«Por que erro ou misterio do destino, andam perdidos e, chorando, sofrem a viuvez d'uma ternura irmã da que os alenta e ampara e os ergue a Deus, os corações que amam sem encontrarem amor que o seu fecunde e alimente para o florir em bençãos e consolo dos que em desdita esmolam esses bens?!...»

III

Isentai-me, Senhor, do atroz martirio que o coração sedento de bondade padece nesta vida

quando à sua voz só responde a dureza das paixões e uma cobiça ardente, insaciavel! Roubai-o a essa cruz, toda de espinhos, em que rasgado se desfaz e muda um infinito amor em amarguras! Ensinai-lhe, Senhor, a fortaleza e que, entre o desamor que o perseguir, saiba ao menos amar a desventura!

bibRIA



PUREZA AMARGA

I

A PUREZA que a neve da montanha desprende gota a gota em claro fio, era doce nas pedras do regato onde o pastor bebia o refrigerio das canseiras do monte e do rebanho.

E correu, correu sempre clara e doce, enquanto se despenhou de fraga em fraga, apressada, descendo ao horisonte que distante a chamava e a seduzia.

E foi doce ainda quando se juntou ao largo rio em que os cinzeirais encaminhavam brandamente ao mar, entre verduras tenras rumorosas, as diamantinas, fulgidas, correntes de peregrinas águas caudalosas.

Até que ao fim entregue à imensidade, porque ansiava louca de paixão, e a que corria desde o seu nascer, na pureza de neve assim lançada às convulsões das vagas sem repouso, transmutou-se em travoso amargor de ondas salgadas

quanta doçura tinha no seu calice — como se por vontade e obra divina essa pureza que nos foi doçura, irmãmente nos dê sua amargura.

II

Senhor! Fosse a amargura o preço da pureza!... E eu queria que quanta amargura em todo o mar se encerra, toda ela coubesse no meu peito, se por ela pudesse converter meu coração, turvado de paixões, na virginea pureza que se gera da neve cristalina da montanha.



TIRANIA DO FOGO

I

APÓS um breve e palido crescente perdido além, ao longe, sobre o mar, na cerrada treva que se lhe seguiu, fulguram tragicamente as labaredas do incendio que se ateia na montanha e enegrece o pousio, raso e nú, em toda a vastidão onde implacavel o fogo apascentou os mortiferos rebanhos das suas chamas. É cinza a urze que tingiu de purpura a asperezã mais ingrata dos fraguados. É cinza o tojo que arrojadamente floriu doirando, de oiro precioso, o chão ainda gelado de dezembro. E os renovos do sobro e o pinheiral, que entre os seixos aváros despontavam, em cinzas converteram a curta e tenra vida das suas hastes.

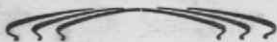
A tirania do fogo em sua gloria toda a beleza esquece e todo o bem. Em sua austeridade e em seu misterio, enquanto nos fascina e nos subjugua, ou nos avivente e exalte em manso alento ou em delirio lavre devastando, tem por escrava

toda a formosura, dissipa-a sem piedade em seus altares. A flôr que canta a aurora e é o seu sacramento, a arvore que ao peregrino deu sombras e pomos, sumas riquezas, sumas alegrias desta vida mortal dos nossos olhos—são pó e em pó se volvem, se a pureza do fogo as inflamou.

II

Ser escravo, Senhor, é o meu anseio! Libertai-me o meu peito da miseria dos mundos vãos de vãs aspirações da vaidosa existencia corruptivel, e convertei-me em cinza o coração, na tirania de um amor ardente, por ele purificado e consumido —assim como o fogo abraza o cedro e o roble, em chamas gloriosas redimindo na luz, que é vida eterna, do transitorio orgulho da opulencia que se nutriu das seivas da floresta!

— FIM —



INDICE

	Pag.
Rosas do meu caminho	7
As taças do banquete	9
A dôr e a vida	13
Mais forte que o mar	21
Humilhação	23
Benção do poente	27
O sono do trigal.	31
Terra lacrimosa	35
Culto das quimeras	41
Anseio da manhã	45
A aza do remorso	49
Servas da luz.	53
Troféus do estio.	55
Loucos da humildade	57
Oração dos lares	63
Cantares das sebes	65
Companheiro e guarda.	69
Reino infinito	71
Poderes da terra.	75
Perpetuas do romeiro	77
Poder do verbo	81
Unção de gloria	85
Sacrô holocausto	87
Sagração do escravo	89
Maldição	93
Profissão de fé	97
Driada enferma	99
Monjas do outomno	103
A terra escrava	107
Misterios de Céres	109
Horas do meu peito.	113
Agua vinvas.	115
Pureza amarga	119
Tiranía do fogo	121

Casa Editora de A. Figueirinhas

— PORTO —



Paulo Combes

O Livro da Esposa, br. 500, enc.	700
O Livro da Dona-de-Casa, br. 500, enc.	700
O Livro da Mãe, br. 500, enc.	700
O Livro da Educadora, br. 500, enc.	700

Jaime de Magalhães Lima

Rogações de Eremita, br.	300
----------------------------------	-----

José Agostinho

A Mulher em Portugal, br. 500, enc.	700
O Caminho das Lágrimas, br. 600, enc.	800
Cristo (Poema), 1.º vol, br.	500
A Religião e a Arte, br.	100

Frederico Mistral

Mireia — Tradução de João Aires de Azevedo e Manuel Teles — br. 500, enc.	700
--	-----

Bossuet

Sermões, vol. I, br. 500, enc.	700
Sermões, vol. II, br. 500, enc.	700

Maria Pinto Figueirinhas

Contos das Crianças, br. 300, enc.	500
O Livro das Maravilhas, br. 300, enc.	50
Os Serões das Crianças, br.	100

Pedir Catalogos da Casa Editora de A. Figueirinhas — Porto

DEPOSITARIO GERAL:

Livraria Portuense LOPES & C.^a — Sucessor